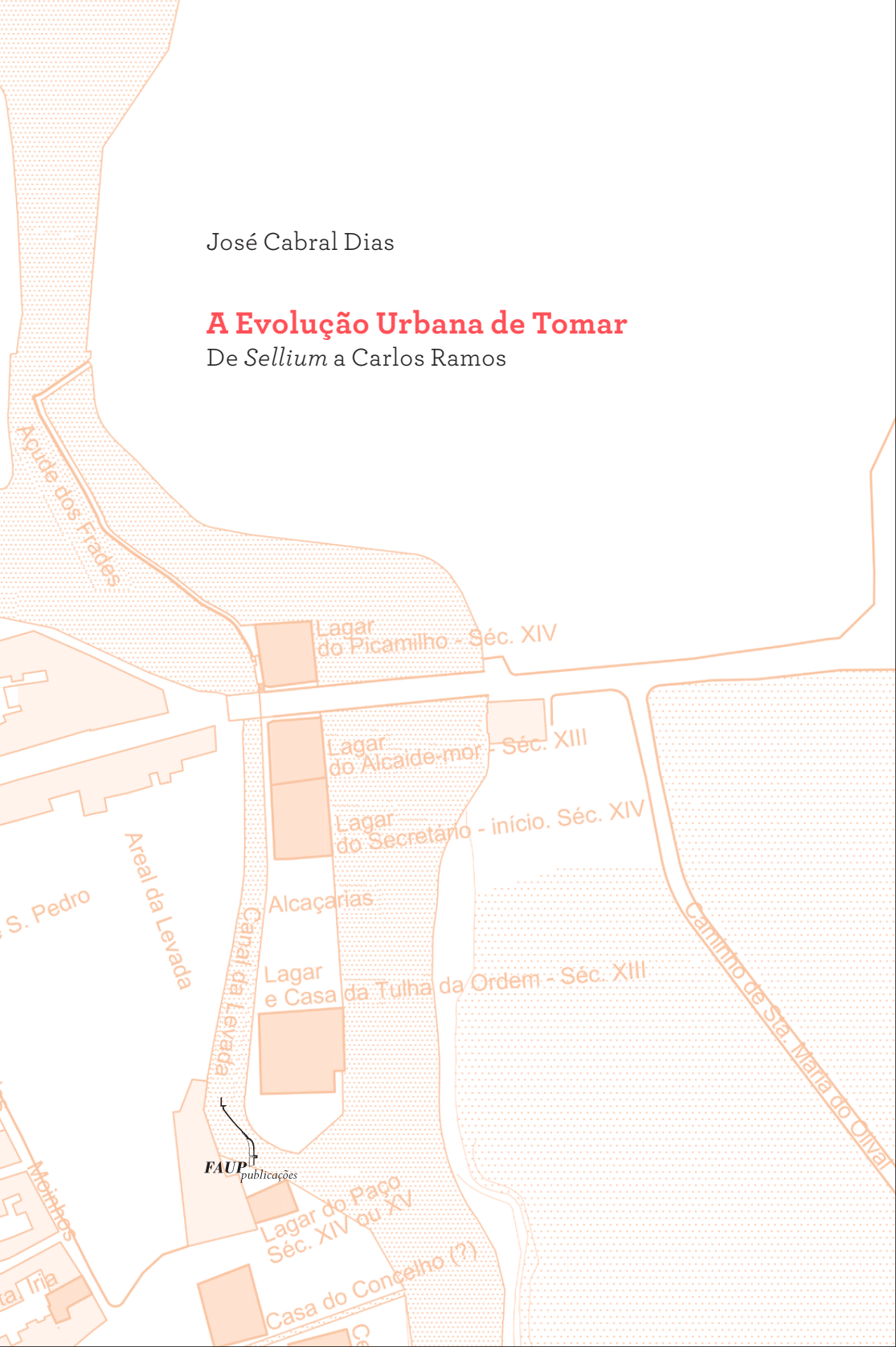


José Cabral Dias

## A Evolução Urbana de Tomar

De *Sellium* a Carlos Ramos



Série 2 . Argumentos

**29**

**FAUP**<sub>publicações</sub> 2017

José Cabral Dias

## **A Evolução Urbana de Tomar**

De *Sellium* a Carlos Ramos

Direcção editorial: Carlos Guimarães  
Coordenação editorial: André Santos e Teresa Godinho  
Design gráfico: DROP, João Faria  
Revisão técnica: Teresa Godinho

Impressão e acabamento:

1ª edição: 2017

ISBN

DL n.º

© José Cabral Dias

© FAUP

Rua do Gólgota, 215 · 4150-755 Porto

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta publicação, incluindo imagens das capas, pode reproduzir-se ou transmitir-se de nenhuma forma nem por qualquer meio, seja este electrónico, químico, mecânico, de gravação ou fotocópia, sem prévia autorização escrita por parte do editor.

Esta obra foi concebida e graficamente realizada antes da entrada em vigor do Acordo Ortográfico.

*«A nossa época (...) tem sido avessa à colaboração, o que acontece em todas aquelas cujos homens se ignoram mutuamente, donde resulta que as suas obras constituem apenas soma e nunca integração; “a barbárie do especialismo”, como chama Ortega e Gasset a um dos mais característicos fenómenos do nosso tempo, não é, em verdade, propícia à colaboração mas apenas a uma pura e simples participação e desta outra coisa não pode resultar que não seja uma pura e simples ocupação do espaço e nunca a sua organização.»*

**Fernando Távora** (*Da organização do espaço*, p. 21)



à minha mãe  
e ao meu pai





## Agradecimentos

O livro que agora se torna público é resultado da investigação realizada no âmbito da dissertação de mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano, apresentada na Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, concluída em Setembro de 1999, defendida em provas públicas em Dezembro do mesmo ano e orientada pelo Professor Alexandre Alves Costa.

Para este estudo pude contar com a colaboração, imprescindível, de diversas pessoas e instituições. O seu contributo e empenho foram fundamentais para o resultado alcançado. A todos quero manifestar o profundo reconhecimento, deixando aqui registados os mais sinceros agradecimentos:

Ao Professor Alexandre Alves Costa, pela amizade, pela clareza, pela sabedoria e profunda cultura, pelo entusiasmo, pela generosidade e empenho com que orientou esta investigação; pela clareza dos seus pontos de vista, pela indicação e empréstimo de bibliografia; pela motivação que soube dar-me na definição e circunscrição do tema a partir do primeiro minuto – também por esta preciosa ajuda lhe estou reconhecido.

Mas todos os reconhecimentos que lhe pudesse fazer ficariam incompletos se não recuasse nos anos. Essa motivação, a de realização deste estudo na esfera da História da Cidade Portuguesa, pode ser directamente encontrada nas magníficas aulas de História da Arquitectura Portuguesa a que tive o verdadeiro privilégio de assistir no 5º ano da licenciatura. Pela forma entusiástica como o Professor Alves Costa transmitiu os seus saber e olhar sobre a História; pelas palavras com que transmitiu a sua paixão pela arquitectura e a cidade; pelo modo como as suas lições me marcaram, em suma, não posso – não quero! – deixar de lhe estar profundamente grato.

Ao Gonalo Canto Moniz, pela pronta generosidade;  
aos prof. Ant3nio Ventura e Lu3s Ribeiro, pelo empenho;  
ao arq. Helder Carita, pela objectividade;  
à dr<sup>a</sup> Graa Sim3es, pela solicidade;  
à Margarida Caeiro, por estar atenta;  
ao arq. Mota Lima, pelas impress3es;  
ao professor Oliveira Marques, pela prontid3o;  
à dr<sup>a</sup> Salete da Ponte, pelo ponto de vista;  
ao arq. Sanchez Salvador, pelas informa3es;  
ao arq. Sebast3o Nobre (CMT), pela disponibilidade;  
ao arq. Walter Rossa, pela aten3o;  
à C3mara Municipal de Tomar, pelo apoio cartogr3fico e  
fotogr3fico;  
à Fundao para a Ci3ncia e a Tecnologia, pelo suporte  
financeiro.

Embora o texto mantenha o essencial da forma e conte3do  
originais (atendendo aos dados bibliogr3ficos e às fontes  
ent3o recolhidas e consultadas), para esta edio foi poss3vel a  
introduo de algumas das observa3es do arguente da prova,  
Professor Jos3 Manuel Fernandes, a quem quero agradecer a  
pertin3ncia das cr3ticas e a total disponibilidade para, a prop3sito  
desta publicao, me poder confrontar, novamente, com os seus  
relevantes pontos de vista.

No contexto desta publicao, desejo manifestar um agradeci-  
mento adicional à C3mara Municipal de Tomar pela autorizao  
de publicao das imagens que prov3m do seu arquivo.  
No mesmo 3mbito, deixo igualmente registado o meu reconheci-  
mento à Professora Margarida Souza L3bo, pela pronta disponibi-  
lidade para ceder os direitos das imagens de que 3 detentora.  
No mesmo 3mbito, expresso, ainda, palavras de apreo em relao  
à Fondation Le Corbusier, na pessoa de Isabelle Godineau.

Tamb3m ao Professor Sergio Fernandez pretendo expressar uma  
palavra pela atenta e generosa leitura e pelos pontos de vista que  
tamb3m generosamente partilhou comigo.

À dr<sup>a</sup> Teresa Godinho quero manifestar o meu apreo pela quali-  
dade, paci3ncia e profissionalismo na revis3o do texto.

Desejo, ainda, agradecer à Editorial FAUP e ao Professor José Miguel Rodrigues o interesse e empenho manifestados para dar vida a esta publicação. Neste contexto, um outro agradecimento, dirigido novamente ao Professor Alexandre Alves Costa, que, dando continuidade a esse interesse, prosseguiu o trabalho para que esta publicação fosse uma realidade. E, por fim, uma palavra de reconhecimento ao arquitecto André Santos que, com entusiasmo e dedicação, assegurou que os esforços iniciais resultassem no presente livro.



Prefácio 17

Abreviaturas 21

Índice de figuras 22

**I INTRODUÇÃO 27**

**II AS PRIMITIVAS FORMAS DE OCUPAÇÃO HUMANA EM TOMAR**

**2.1 Introdução Pré-Urbana**

A génese 39

**2.2 A Ocupação Romana**

O surgimento da vida urbana 43

**2.3 A Ocupação Visigótica**

O declínio da vida urbana 54

**2.4 A Ocupação Árabe**

A agudização da desurbanização 56

**III AS ORDENS RELIGIOSO-MILITARES EM TOMAR**

**3.1 Nota Introdutória à Ordem do Templo**

Contextualização e motivações 61

**3.2 A Cerca**

Génese do estabelecimento da vida de fisionomia urbana em Tomar 70

**3.3 A Vila de Baixo**

A consolidação de Tomar como organismo urbano 86

**3.3.1 Nota Introdutória à Ordem de Cristo**  
Contextualização e motivações 106

**3.3.2 Tomar do Infante D. Henrique**  
A consolidação de Tomar: espaço urbano  
e actividades económicas 111

**3.3.3 Tomar de D. Manuel e a Emergência  
de um Novo Paradigma Urbano** 134

*A Urbanidade sob o Signo de D. Manuel*  
*Um programa régio para a cidade de Lisboa* 134

*Tomar de D. Manuel*  
*As alterações funcionais do tecido urbano* 144

**3.3.4 Tomar de D. João III até ao Limiar  
do Século XX** 156

*De D. João III à Regência de D. Catarina*  
*A representatividade e a expressão de uma política  
de Estado como valores absolutos* 156

*Da Regência de D. Catarina ao Século XX*  
*Do esmorecimento da vila até à confirmação de  
que Além da Ponte já é cidade* 181

**IV A GRELHA DE TOMAR:  
HIPÓTESES INTERPRETATIVAS  
Fundamentação e modelo**

**4.1 Elementos Fundamentais da Estrutura Urbana  
de Tomar**  
Uma leitura à luz das *bastides* 203

**4.2 Um Paralelo com outras Cidades**  
Comparação de modelos: Jerusalém, Marais em Paris  
e Angra nos Açores 244

#### **4.2.1 Jerusalém**

O momento zero 244

#### **4.2.2 Angra do Heroísmo**

A insularização de Tomar, enquanto modelo urbano 252

#### **4.2.3 Paris**

Marais: a casa-mãe da Ordem do Templo na Europa 263

### **4.3 Haverá outros Factores de Validação de um Modelo Templário?**

As Cruzadas e a implantação europeias das ordens religiosas 272

## **v CARLOS RAMOS EM TOMAR**

O plano: enquadramento e análise

### **5.1 Contextualização da Actividade Urbanística em Portugal**

1865/1934: do grau zero à instituição de uma prática sistemática 299

### **5.2 Carlos Ramos: Breve Perfil Profissional**

Um hesitante homem culto 311

### **5.3 O Plano Geral de Urbanização de Tomar**

O desenho como sustentáculo e inevitabilidade do seu fim 313

## **vi CONCLUSÃO 337**

## **vii REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 347**





## Prefácio

*O arquitecto pode pensar fazendo. Pensa no seu desenho como um comentário, uma declaração. Afirmar que o arquitecto é um pensador é dizer que a sua especialidade é relacionar ideias com o tecido urbano.*

**Mark Wigley**

O trabalho que agora, e já tardiamente, se publica não carece de nenhuma apresentação, tão claramente nos são transmitidas motivações e metodologia. Fala por si próprio. No entanto, apetece e é justo que se diga da sua exemplaridade entre esforços congêneres que têm vindo a ser desenvolvidos para a compreensão do fenómeno urbano português e da sua especificidade que se desenvolve desde a Idade Média à Moderna, em primeiro lugar na Metrópole, logo seguido pela suas expressões africanas, brasileiras ou extremo-orientais.

A minha formação nestas matérias, sempre resultado de investigações alheias, base da minha postura no acompanhamento deste trabalho, foi marcada por quatro momentos estimulantes.

Um facto intrigante foi o que decorreu do trabalho pioneiro de José-Augusto França, de finais de 50, sobre a Lisboa Pombalina, tão afirmativo no esclarecimento da eficácia e qualidade da acção de Manuel da Maia e dos engenheiros militares portugueses. Então o velho engenheiro-mór do Reino, Manuel da Maia, presidiu à reconstrução de Lisboa, com a naturalidade de quem cumpre simplesmente uma tarefa inerente ao seu cargo. Esta naturalidade podia significar duas coisas: ou ele, que além do mais se queixava de trabalhar sem bibliografia, foi um génio absoluto, ou tinha que ter séculos de experiência acumulados. Fui arrumando o meu pensamento mais pela segunda hipótese.

Uma afirmação irritante constituiu para mim a declaração perversa de Benevolo de que os nossos engenheiros militares são agentes de terceira categoria de uma ideia nunca concretizada pelos seus criadores. Eu sabia que não podia ser isso e não é. Fui

aprendendo com o tempo que eles são, de facto, herdeiros de uma tradição que se objectiva na primazia da construção sobre a do projecto. Talvez por se colocarem em compromisso permanente com a prática nunca a ultrapassam conceptualmente, mas realizam obra sem que qualquer imposição teórica perturbe a sua experiência aproveitando-a, sim, para a sedimentar.

É neste sentido que hoje, com segurança, todos negamos a utilização da “cidade ideal” como modelo, no seu sentido mais profundo, das nossas cidades, devendo antes dizer-se que aquele modelo formal confluiu com a nossa tradição, esvaziado do seu mais profundo significado e sem trazer alterações metodológicas profundas na forma de projectar: tal com a tratadística ordenou a composição, regrou as proporções, acarretou as ordens numa arquitectura profundamente anticlássica nos seus fundamentos éticos e ideológicos.

Um facto intrigante e uma afirmação irritante que nos empurravam para o estudo de uma tradição. Eu pensei sempre que alguém havia de fazer isso.

Jorge Gaspar avançou, em 1969, sobre a morfologia de padrão geométrico na Idade Média.

Uma carta de um amigo consolou-me, contrariando opiniões consolidadas desde o Buarque de Holanda, e que perduram até às recentes afirmações do presidente Fernando Henrique que considerou os portugueses responsáveis pela desordem da cidade brasileira.

Escreveu-me, há muitos anos, Carlos Nelson, arquitecto e amigo brasileiro:

*Durante muito tempo nossos explicadores de fenómenos de urbanização acreditaram no espontaneísmo. À diferença dos nossos irmãos hispano-americanos que tiveram cidades certinhas, rectilíneas das ordenações reais, as nossas surgiram e se desenvolveram ao deus-dará. Hoje muitos autores sérios duvidam disso.*

*Os portugueses trouxeram regras claras... no que diferiam foi na escolha dos sítios...*

*Rio e Salvador são para ninguém botar defeito em matéria de bom aproveitamento de um suporte físico completo.*

Construí, pois, num quarto momento, um desejo que me pareceu louvável.

Fernando Pessoa disse, *a minha pátria é a minha língua*, e eu gostava que pudéssemos com propriedade dizer, o que todos

sabemos, que a nossa pátria também são a nossa arquitectura e as nossas cidades.

Eu sabia que tudo isto iria ser comprovado.

Entretanto sabia de Kubler e de Ferreira de Almeida sempre a falar da Idade Média. De Cláudio Torres para quem tudo é Islão. Ia discutindo produtivamente com o Nuno Portas sempre a distinguir os processos de produção da arquitectura dos da cidade, ao contrário de mim que os desejava sobrepor.

Percebi, depois, como Horta Correia passava da arquitectura para a cidade como quem bebe um copo de água e da mesma maneira do século XVIII para o XVI, mas, sobretudo, apercebi-me que se tinha começado a estudar estas coisas sistemática e profundamente.

No seu Curso de Mestrado da Universidade Nova, que fez História, apareceram arquitectos que foram, dizia ele, ajuda preciosa num entendimento mais formal e menos puramente historiográfico.

Desta “incubadora” saíram vários; lembro Vieira Caldas, Renata Araújo, Walter Rossa, entre outros.

E todos foram afirmando o que eu desejava ouvir, resolvendo as questões intrigantes, calando as irritantes, dando rigor científico às impressões e, até, satisfazendo alguns desejos.

E assim foram construindo uma especificidade para a arquitectura e para a cidade portuguesa, incluindo a de fora de Portugal, acompanhada da recusa de as julgar em função dos modelos culturais pressupostos, normalmente, pela grande cultura europeia.

E, hoje, por eles sabemos que a cidade portuguesa nasceu diversa, nas vicissitudes de um país a construir-se. Refez-se nos territórios ultramarinos, colhendo e sintetizando, da diversidade das experiências de referência, a sua complexidade. Do seu saber sedimentado nasceu com simplicidade o exemplo maior da cidade reconstruída de Lisboa que, como que em vaivém permanente, regressou aos territórios coloniais durante o século XVIII.

Só por falsa modéstia deixaria de referir os trabalhos que se tem desenvolvido na FAUP, sobretudo sob a orientação de Marta Oliveira que, não só tem acrescentado saber, como tem aprofundado metodologias próprias que aproximam a investigação sobre a cidade do projecto, através do recurso sistemático e estrutural ao desenho. É a cidade entendida como acto consciente de um projecto permanente. É nesta corrente, em que os arquitectos são insubstituíveis, que se integra, exemplarmente, o trabalho de

José Cabral Dias. Penso que com ele a cultura urbana portuguesa e, por isso, a cultura portuguesa ficou mais rica. Ele contribuiu para desenhar o nosso passado como instrumento essencial no delineamento do futuro... se conseguirmos afastar os falcões que hoje ensombram os nossos céus.

Porto, Abril de 2008  
Alexandre Alves Costa

I

## INTRODUÇÃO



Partimos para este estudo sobre Tomar com o propósito de aprofundarmos o estudo das idiossincrasias da Cidade Portuguesa. Desejávamos poder contribuir, ainda que com a limitada extensão de que sempre estivemos conscientes (desde logo pela natureza e duração da investigação), para clarificar um “modo de fazer português” – referimo-nos à expressão dos processos-base de uma identidade urbana nacional.

Sabíamos à partida que as conclusões – centradas num caso de estudo particular – não seriam extrapoláveis por generalizações imediatas, decerto abusivas, precipitadas e injustificadas. De todo o modo, sobressaiu sempre o entendimento, enquanto arquitectos, de que o conhecimento dos processos de formação e transformação da cidade na história encontra relevância fora do âmbito restrito desse mesmo conhecimento. A utilização desse enorme capital que é a sedimentação urbana tem hoje, acrescidamente – acreditamos –, capital importância, face a uma ausência doutrinária que fundamenta a actuação, dependente, como nunca, de cada intervenção de per se.

Face à ausência de paradigma – isto para além da prática da actividade de planeamento urbano nem sempre se aprofundar através do debate disciplinar e do cruzamento de saberes (alargado e interdisciplinar) e, conseqüentemente, não se posicionar para além da solução tecnocrática como procura da eficácia, tão-só (limitando-se a fazer parte das regras de um mercado que conta com a instrumentalização da arquitectura e da cidade que utiliza com reprodução de fórmulas habituais e acriticas) – face a essa ausência, afirmávamos, deverá retomar-se um campo de pesquisa e experimentação em torno da cidade, que encontrará na herança histórica um campo fértil de interpretação. Não se trata, sublinhe-se, da identificação de qualquer fórmula mágica ou milagrosa, tão-pouco de reduzir o conhecimento ou abordagem urbanas a uma visão historicista totalmente inusitada; tão-somente de, criticamente, encontrar mais dados para informar as acções de desenho ou transformação urbanas. Ainda que acreditemos numa visão urbana transformadora – que não podemos, nem pretendemos, deixar de defender –, cremos na necessidade do seu correcto enquadramento e, tal como *“para a má architectura não há nenhuma*



*justificação ideológica, como não a há para uma ponte que cai*” (Aldo Rossi), não é possível qualquer escusa ou reconhecimento para intervenções incultas, seja no campo disciplinar da arquitectura, seja no do urbanismo.

Segundo a perspectiva como o conhecimento histórico nos motiva neste estudo (tendo como fim último um maior conhecimento crítico do universo urbano português, ainda que parcelar e não generalizável), os nossos objectivos iniciais perseguiram uma via que conduzisse para além de uma abordagem factual. Nunca foi pretendido registar, somente, os factos que deram origem à Vila e a que esta se formasse e estendesse cronologicamente, evoluindo ao longo dos séculos até que fosse elevada a cidade (já no século XIX) e se visse enquadrada numa estratégia de definição de imagem de “cidade do regime” tentada à *época de Duarte Pacheco*; pretendeu-se, sobretudo, perceber a razão para a definição urbana nos moldes em que veio a conformar-se, identificando a origem dos factos motivadores.

Assim, o presente texto – para além de abordagem de cariz histórico – cruza os elementos centrais (tangíveis e intangíveis) que caracterizaram a acção dos protagonistas de maior relevo num âmbito geral e nacional – Infante D. Henrique, D. Manuel e D. João III –, com as suas intervenções localizadas e circunscritas a Tomar, e, em complemento, alarga o universo de interpretação e análise aos processos de conformação das designadas *bastides*. A esse processo juntamos, ainda, Angra, Paris (Marais) e Jerusalém. Procura-se, por esta via que rompe as fronteiras do Continente, explorar caminhos que abram pistas para entendimento do modo como a estrutura urbana de Tomar – enquadrável na definição de Jorge Gaspar, “a morfologia de padrão geométrico” – é originada, que motivação lhe subjaz e, de forma mais lata, como se processa a transposição para Portugal dos mesmos conceitos, como e em que contexto ocorre, que invariantes e permanências podem ser observadas no processo.

As dificuldades inerentes ao desenvolvimento de um estudo que aborde a cidade com uma perspectiva histórica prendem-se, invariavelmente, com a obtenção de cartografia de suporte – ou de todo inexistente, ou de paradeiro ignorado. É a realidade com que nos confrontámos: não conseguimos localizar as duas primeiras plantas da cidade de Tomar (a primeira, de autoria do engenheiro Goulard; a segunda, executada pelo engenheiro Frederico Pimentel

e oferecida à câmara a 9 de Julho de 1882) - o paradeiro de ambas permanece desconhecido, pesem embora as inúmeras tentativas que realizámos, junto dos mais diversos arquivos. Assim, as referências que Amorim Rosa (1969b) lhes dispensa permanecem como os dados mais significativos e concretos neste domínio.

Face à lacuna referida e à inexistência de cartografia anterior ao século XIX, confrontámo-nos com a necessidade e o desafio de proceder a uma reconstituição cartográfica, que elaborámos a partir dos dados investigados e com base nas hipóteses interpretativas que fomos avançando no decorrer do estudo. Neste contexto, as descrições efectuadas por Pedro Álvares Domingues - elaboradas ao tempo de D. João III e de D. Sebastião, no contexto de inventariação, medição e demarcação dos bens da Ordem de Cristo - foram da máxima utilidade. Nesta tarefa, utilizámos cartografia em suporte digital que no momento de elaboração do presente trabalho se encontrava actualizada. Confrontámo-nos assim com dois imperativos adicionais: o de "limpeza" de todas as transformações territoriais operadas pelos diversos estratos do tempo que se sobrepuseram ao período estudado; a necessidade de reconstituição de toda a conformação base do território, apagada por camadas sucessivas de ocupação ao longo de séculos (salientamos as curvas de nível, indispensáveis para uma leitura clara e correcta da orografia).

O processo de reconstituição cartográfica compreendeu a construção de oito cartas-base - suporte de todos os dados relativos a cada época - que elaborámos com incidência diversa no que se refere ao grau de certeza relativa à implantação das construções mais significativas. O facto motivou, por vezes, a dedução, a conjectura, o ensaio, como método para localizar os diversos equipamentos. Foi um processo em que procurámos, todavia, o máximo rigor. Mas, ainda que sustentados em descrições bibliográficas e/ou nas fontes - permitindo-nos conhecer os troços das ruas onde se implantavam os ditos equipamentos (isto por balizamento entre arruamentos perpendiculares ao da localização) -, não foi possível identificar-lhes a implantação até à precisão do lote.

A planta 1, referente ao Período Romano, regista - por digitalização - os vestígios já sujeitos a prospecção arqueológica e que foram dados a conhecer, cartograficamente (em plantas parciais de Tomar), por autores como Salete da Ponte (1989c) e Carlos Batata (1992).

A planta 2, respeitante à Época Visigótica, apresenta uma implantação conjectural para S. Pero Fins: a imprecisão é, todavia, reduzida ao mínimo - nas fontes, o templo é referido como estando situado ao longo do caminho de Sta. Maria do Olival. No que toca a Sta. Iria e Sta. Maria do Selho, embora conheçamos rigorosamente o local onde se implantavam, não determinámos o mesmo grau de certeza no tocante às dimensões que possuíam; sabemos, contudo, que se apresentavam menores do que os edifícios que as vieram substituir - Sta. Iria e Sta. Maria do Olival - e do que a basílica de Idanha (Egitânea), a maior da Península.

A planta 3, representativa dos primeiros anos após a formação de Tomar pelos Templários, não é totalmente precisa na localização de Sta. Maria do Castelo, podendo haver um erro na implantação, sendo, contudo, de poucos metros. O tratamento conjectural é alargado à representação do arrabalde de S. Martinho, mas a obediência à lógica fez-nos representá-lo na adaptação às curvas de nível reconstituídas - sabemos, além do mais, que a sua localização correspondia à exibida nesta planta (a poente do Convento). A representação da Vila de Cima, embora sem dados arqueológicos conhecidos que permitam determinar-lhe a forma, foi representada criticamente de acordo com a lógica expressa no texto.

A planta 4, exibindo a formação da Vila de Baixo, sustenta-se no tratamento conjectural no que concerne à localização dos hospitais (com excepção dos que se localizam na Praça). No entanto, com base em descrições foi possível determinar o posicionamento que esses equipamentos tomavam nas diversas ruas e, dentro destas, a localização que apresentavam nos troços compreendidos entre elas e as suas perpendiculares. As excepções compreendem S. Martinho e os homólogos da Várzea Pequena, em relação aos quais apenas se sabe que se encontravam no arrabalde do mesmo nome e na rua dos Oleiros.

O tratamento ensaístico alarga-se à implantação das diversas capelas localizadas em torno de Sta. Maria do Olival. Retomámos, contudo, o procedimento adoptado em relação a S. Pero Fins, descrito no que respeita à planta 2.

No que se refere aos equipamentos do Chão do Pombal, confrontámo-nos com outro tipo de complexidade. A sua localização apoiou-se em várias frentes. O testemunho de Eugénio Sobreiro de Figueiredo e Silva (1951) permitiu-nos conhecer que, ainda em 1930, as construções se encontravam no local. Neste

contexto, uma planta de Tomar, datada de 1928, permitiu saber a configuração que apresentavam antes de serem demolidos como efeito da construção da nova ponte (inaugurada em 1967). Ainda assim, foi difícil determinar-lhes um posicionamento rigoroso, visto que as descrições documentais que até nós nos chegaram, sempre apoiadas nos pontos cardiais e em edifícios já descritos imediatamente antes aos visados nas passagens do texto, são de leitura difícil, porque cíclicas e labirínticas. Deixamo-lo aqui demonstrado, a título de exemplo, com um dos documentos em que é feita referência a essas construções, documento esse guardado na Torre do Tombo (ANTT - Ordem de Cristo - Livro 232 - fl. xxx 1 v.): “...as quaes estam junto do rio desta vila, defronte da orta da ordem e partem do poente com a casa grande da ordem que ora serve de terçenas e d'estrebaria del Rey quando aqui esta sua alteza, e parte com o chaaõ que que esta cercado de casas que se chama o chaaõ do pombal, que he da ordem a saber: do norte com o mesmo chaaõ, e do levante com o chaaõ da mesma ordem que esta antre este celeiro e o rio.” (IDEM: 142). Como consequência, confrontámo-nos com a montagem de um *puzzle*, condicionados por um complexo exercício de interpretação e descodificação; procedimento semelhante ocorreu na planta 5.

Na planta 6, é o dimensionamento - já não o posicionamento - que se apoia numa lógica conjectural. A nova Igreja de Sta. Maria do Castelo foi implantada de acordo com uma carta do Convento de Cristo e Castelo, datada do século XIX (Direcção-Geral dos Edifícios e Monumentos Nacionais), na qual são visíveis os seus posicionamento e configuração planimétricos.

A planta 7 reproduz, com segurança elevada, a localização de diversos palácios: identificámo-la em descrições expressas em documentos pesquisados. Já a localização da Tulha de azeitona da Ordem não obedece a idênticas certezas (mas apenas no que respeita à implantação precisa do lote); está, porém, bem identificada no que se refere à rua e ao troço no interior desta - a Tulha ficava na Rua Nova, abaixo da Rua dos Moinhos.

Na planta 8, devido à proximidade cronológica, o grau de incerteza encontra-se consideravelmente reduzido.

Foi, ainda, elaborada uma outra planta - ordenada com o número 9 - que pretende representar graficamente os resultados das interpretações do traçado de Tomar. O paralelo que estabelece com a cidade de Angra do Heroísmo tem como objectivo explorar

a coincidência de princípios de composição geométrica e de regras proporcionais semelhantes. Para além da aproximação que o texto torna evidente, é inegável a aplicação de uma mesma ideia de organização do espaço urbano no que respeita aos seus elementos mais significativos – apesar das subversões que o acto de arruar determinou na prática.

Assim, o presente estudo, face a outras investigações sobre Tomar, introduz a particularidade de procurar traduzir cartograficamente todos os dados – tanto os recolhidos (decorrentes da análise e interpretação das descrições coevas), como os construídos (emergentes da acção crítica que formulámos a partir do cruzamento dos factos e realidades históricas recolhidos). Alguns desses juízos dedutivos foram induzidos pela própria representação cartográfica, revelando, desta forma, dupla utilidade.

Concretizando, relativamente aos estudos mais significativos sobre Tomar (FRANÇA, 1994; CONDE, 1996), este estudo desenvolve, aprofunda e sistematiza a investigação em torno da forma e espacialização urbanas de Tomar, fazendo-o em cada período histórico relevante. Assim, as nove plantas produzidas têm por fim acompanhar a leitura do texto, segundo a organização em capítulos: deixando de fora o primeiro – o desta introdução –, o segundo tem no período de romanização da Península o seu objecto central; o terceiro, fundamentalmente desenvolvido entre os séculos XII e XVI e, com menor importância, deste último até aos finais do XIX, apresenta-se como o que maior influência encerra para a determinação da estrutura urbana da cidade. Após estes primeiros capítulos é efectuada uma suspensão cronológica, no quarto capítulo, para uma abordagem interpretativa dos dados até então avançados, sendo confrontados com outras realidades. Segue-se um quinto capítulo, tendo como campo de trabalho a proposta de planeamento do século XX e a abordagem que esta propõe fazer do tecido histórico da cidade, enquanto forma e estrutura física. Procurámos, aí, verificar de que modo a proposta de planeamento de Carlos Ramos se relaciona com a formação urbana histórica – quais as marcas de identidade que se mantêm nos processos de transformação e crescimento por meios que são completamente distintos da fase de definição inicial de Tomar e quais aquelas que se subvertem com a mudança de contexto, de necessidade e função que é implicada pela modernidade. Um sexto capítulo é consagrado à conclusão, deixando, aí, algumas reflexões motivadas

pelas problemáticas suscitadas, que, sem se pretender que sejam respostas fechadas, ficam em suspensão, como eventuais vias a explorar.

Antes de dar ao leitor oportunidade de se envolver nas páginas deste livro, pretendemos fornecer-lhe um esclarecimento adicional. Como se referiu atrás, o presente texto resulta da realização do Mestrado em Planeamento e Projecto do Ambiente Urbano da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto, concluído em 1999. A distância que separa o autor dessa data, quer pelos anos transcorridos, quer pelos trabalhos subsequentes que realizou entretanto, sublinhou a possibilidade de confronto com perspectivas contraditórias. Se, por um lado, o estudo que agora se alarga a um público mais vasto resulta da procura de rigor e de seriedade ao longo de anos e em cada uma das etapas da investigação, a verdade é que a oportunidade que vemos materializar-se nos encontra já num outro ponto, em diversos planos. Face à tentação mais confortável de promover uma alteração significativa do texto original, dois factores serviram para dirimir potenciais conflitos internos: se é verdade, que continuamos a rever-nos no conteúdo substantivo destas páginas – dizemo-lo como quem, pelo distanciamento que as circunstâncias permitem, se sente face a um estudo que por vezes parece já não pertencer-lhe –, por outro lado, pesámos também a honestidade com que nos sentimos comprometidos desde o primeiro momento desta edição. Trata-se da publicação de um escrito produzido no âmbito de uma prova académica, avaliada por um júri especializado, e foi nessa qualidade que nos foram apresentados o interesse e o convite para o lançamento do presente livro. Este facto e o respeito para com os leitores que generosamente manifestaram interesse na consulta destas páginas, em trabalhos académicos de natureza diversa, impuseram-nos, assim, limites na revisão do texto. A versão que agora se apresenta limita-se, pois, a propor melhorias na redacção de certas passagens e nos conteúdos gráficos: pretendeu-se eliminar trechos de leitura eventualmente menos facilitada, bem como uniformizar graficamente as imagens e as plantas. Deseja-se, deste modo, disponibilizar um texto não apenas útil mas também aprazível, reservando o esforço do leitor para o desafio que lhe apresentamos. A hipótese que aqui construímos a partir da espacialização dos factos históricos e da evolução de Tomar defende que o território português

terá também desempenhado um papel relevante no desenvolvimento do fenómeno da morfologia de padrão geométrico na Europa medieval. Isto é, essa hipótese admite que Tomar terá aí jogado uma pedra fundamental, em alternativa às aproximações dominantes, fundamentalmente centradas na divulgação do urbanismo geométrico medieval a partir de França. Na passagem para o século XX, e pela acção de Carlos Ramos, a leitura é outra: Tomar confirma que o desenho como fim em si mesmo (já sem o conteúdo que deu espessura ao desenvolvimento da cidade ao longo dos séculos) redundou em fracasso. Por este motivo, fechamos a última página deste texto com Paulo Varela Gomes. Destacamos a escolha que já havíamos feito em 1999, sublinhando-a. A lição de Paulo Varela Gomes, de quem também aprendemos, guiou-nos ao longo da escrita: a história é uma chave para leitura do futuro.

Com consciência de que qualquer leitura depende de quem observa, este texto propõe necessariamente uma interpretação pessoal da realidade, através de um olhar que admitimos ser tendencioso – convocamos os factos que nos parecem ser os mais relevantes para a construção da argumentação que estruturamos – esperando que o leitor tome como plausíveis as coordenadas que lhe disponibilizamos. Esperamos, sobretudo, que essa argumentação constitua um desafio estimulante, sendo este, a partir de agora, um espaço de observação que lhe pertence por inteiro.

Porto, Julho de 2015

VII

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS





- ABEL, António Borges – *Vilas de Fundação Medieval no Alentejo*. [Évora]: Universidade de Évora, 1995. Dissertação de mestrado em Recuperação do Património Arquitectónico e Paisagístico (texto policopiado).
- ALMEIDA, Carlos Alberto Ferreira – *Alto Minho*. Lisboa: Editorial Presença, 1987. (Colecção Novos Guias de Portugal ; 5).
- ALVES, M. – “Tomar”. In *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Lisboa: Verbo, 1963.
- ALVIM, João – “As casas nobres da rua Pé de Costa”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1952. vol. III, p. 23-30 e 39-43.
- ANDRADE, Amélia Aguiar – “A Paisagem Medieval Portuguesa: uma aproximação”. In *Universo Urbanístico Português, 1415-1822: Colectânea de estudos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998. p. 11-38.
- ANDRADE, Amélia Aguiar – “Conhecer e Nomear: A Toponímia das Cidades Medievais Portuguesas”. In *A Cidade: Jornadas Inter e Pluri-disciplinares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. vol. I, p. 121-140.
- ANDRADE, Amélia Aguiar – “Percurso vividos, percursos conhecidos nos núcleos urbanos medievais”. In *Estudos de Arte e História – Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, 1995. p. 52-60.
- ANDRADE, Amélia Aguiar – “Um percurso através da paisagem urbana medieval”. In *Povos e Culturas – a cidade em Portugal: onde se vive*. Lisboa: Universidade Católica, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Nº 2 (1987), p. 57-77.
- ATIENZA, Juan – *A meta secreta dos Templários*. Lisboa: Litexa-Portugal, 1981.
- AZEVEDO, Paulo Ormindo de – “Urbanismo de traçado regular nos dois primeiros séculos da colonização brasileira – origens”. In *Universo Urbanístico Português, 1415-1822: Colectânea de estudos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998. p. 39-70.
- BATATA, Carlos – *As Origens de Tomar: carta arqueológica do concelho*. Tomar: Centro de Estudos e Protecção do Património da Região de Tomar, 1992.

- BEIRANTE, Maria Ângela [et al.] - “O Património da Ordem de Cristo em Évora do século XVI”. In *Estudos de Arte e História - Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, 1995, p. 61-73.
- BENEVOLO, Leonardo - *Historia de la Arquitectura Moderna*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1996.
- CARDOSO, Joaquim Figueiredo - *Angra do Heroísmo - subsídio para o estudo da sua origem e evolução populacional*. Coimbra, 1989. Dissertação de licenciatura em Ciências Geográficas da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (texto policopiado).
- CARITA, Helder - *Lisboa Manuelina e a formação de modelos urbanísticos da época moderna (1495-1521)*. Lisboa, 1998. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (texto policopiado).
- CARVALHO, António Carlos - *O Triângulo Místico Português*. Tomar: Líber, 1980.
- CARVALHO, Sérgio Luís - *Cidades Medievais Portuguesas: uma introdução ao seu estudo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1989.
- CASTRO, Maria João Mêndia - *Subsídios para a carta arqueológica do concelho de Tomar*. Lisboa: [s.n.], 1973 (texto policopiado).
- CHOAY, Françoise - *O Urbanismo*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1965.
- CHUECA GOITIA, Fernando - *Breve História do Urbanismo*. Lisboa: Editorial Presença, 1996.
- CONDE, Manuel Sílvio Alves - *Tomar Medieval: O espaço e os homens*. Cascais: Patrimonia Historica, 1996.
- CORREIA, Virgílio Hipólito - “Cidade e função urbana no Ocidente da Lusitânia”. In *A Cidade: Jornadas Inter e Pluri-disciplinares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. vol. I, p. 121-140.
- COUPERIE, Pierre - *Paris au Fil du temps*. Paris: Éditions Joel Cuénot, 1968.
- CRUZ, Glenda Pereira - “Rural & Urbano - Espaços da Expansão Medieval: Origem da Organização Espacial Ibero-Americana”. In *Universo Urbanístico Português, 1415-1822: Colectânea de estudos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998. p. 155-204.

- CRUZ, Maria Alfreda - “Caminha, evolução e estrutura duma antiga vila portuária”. In *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa. Nº 3 (1967), p. 77-128.
- DAVEAU, Suzanne - “A Estrada Coimbrã. O traçado pela Serra de Ancião”. In *Estudos e Ensaios, Homenagem a V. Magalhães Godinho*. Lisboa, 1988. p. 451-461.
- DIAS, Nuno Pizarro - “As cidades de Fronteira de Portugal com a Galiza”. In *Cadernos do Noroeste*. [Braga]: Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais. Vol. 3, nº 1-2 (1990a), p. 81-103.
- DIAS, Nuno Pizarro - “Chaves Medieval (séculos XIII e XIV)”. Separata da Revista *Aquae Flaviae*. Chaves. Nº 3 (Junho 1990b).
- DIAS, Pedro - “O Gótico”. In *História da Arte em Portugal*. Lisboa: Publicações Alfa, 1986. vol. IV.
- DIAS, Pedro - *Visitações da Ordem de Cristo de 1507 a 1510*. Coimbra: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 1979.
- DINIS, António - “A prelazia ‘nullius diocesis’ de Tomar e o ultramar português na segunda metade de século XV”. Separata do *Boletim Cultural de Estudos da Guiné Portuguesa*. Bissau: Centro de Estudos da Guiné Portuguesa. Nº 105 (1972).
- DINIS, António Joaquim Dias - *O Infante D. Henrique e a assistência em Tomar no século XV. Actas das 1<sup>as</sup> Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval*. Lisboa: [s.n.], 1973. p. 345-370.
- DUARTE, Teresa - “O urbanismo medieval da cidade de Tomar”. In *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 16 (Março 1992), p. 123-149.
- ESLAVA GALÁN, Juan - *Los Templários y otros enigmas medievales*. Barcelona: Planeta, 1994.
- Estórias e História de Tomar*. Secretariado do VII Encontro dos Professores de História da Zona Centro, 1990.
- ETIENE, Geneviève - “La Villeneuve du Temple à Paris aux XIII<sup>e</sup> et XIV<sup>e</sup> siècles”. In *Actes du 100<sup>e</sup> Congrès des Sociétés Savantes, Section de Philologies et d’Histoire jusqu’à 1610*. Tome II - Études sur l’Histoire de Paris et de l’Île de France. Paris: [s.n.], 1975. p. 87-99.
- FERNANDES, José Manuel - *Angra do Heroísmo*. Lisboa: Editorial Presença, 1989. (Coleção Cidades e Vilas de Portugal ; 5).
- FERNANDES, José Manuel - *Cidades e casas da Macaronésia*. Porto: FAUPpublicações, 1996.

- FERNANDES, José Manuel - "O lugar da Cidade Portuguesa". In *Povos e Culturas - a cidade em Portugal: onde se vive*. Lisboa: Universidade Católica, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. N.º 2 (1987), p. 79-112.
- FERRÃO, João - "Terciarização e território: emergência de novas configurações espaciais?". *Análise Social*. Lisboa. Vol. XXVI, n.º 114, 1991 (5.º), p. 829-845.
- FERRÃO, J. H. [et al.] - "Repensar as cidades de média dimensão". In *Análise Social*. Lisboa: Universidade de Lisboa, Instituto de Ciências Sociais. N.º 129 (1994), p. 1123-1147.
- FERREIRA, Fernando - *Coisas Simples da Terra Tomarense - O rio, os açudes e as rodas: Algumas achegas etnográficas*. Santarém: Junta Distrital de Santarém, 1976.
- FERREIRA, José Jorge Couto [et al.] - *Tomar: Perspectivas*. Tomar: edição da Festa dos Tabuleiros, 1991.
- FERRO, Maria José Pimenta - *A Vigararia de Tomar nos finais do século xv*. Lisboa: Centro de Estudos Históricos da Faculdade de Letras de Lisboa, 1971.
- FIGUEIRA, Jorge - *Um Mapa Crítico da Escola do Porto*. Coimbra: Departamento de Arquitectura da Universidade de Coimbra, 1997. Trabalho académico apresentado no âmbito das Prova de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica.
- FRANÇA, José-Augusto - *Tomar*. Lisboa: Editorial Presença, 1994 (Coleção Cidades e Vilas de Portugal; 18).
- GASPAR, Jorge - "A morfologia urbana de padrão geométrico na Idade Média". In Separata da *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Vol. IV, n.º 8 (1969), p. 198-215.
- GASPAR, Jorge - "Estudo geográfico das aglomerações em Portugal Continental". In *Finisterra - Revista Portuguesa de Geografia*. Lisboa: Centro de Estudos Geográficos. Vol. X, n.º 19 (1975), p. 107-152.
- GOMES, Paulo Dordio - "O Povoamento Medieval em Trás-os-Montes e no Alto-Douro. Primeiras Impressões e Hipóteses de Trabalho". In *Arqueologia Medieval*. Porto: Edições Afrontamento. N.º 2 (1993), p. 171-190.
- GOMES, Paulo Varela [et al.] - *Viana do Castelo*. Lisboa: Editorial Presença, 1990.

- GOMES, Rita Costa - *A Guarda Medieval: posição, morfologia e sociedade, 1200-1500*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora, 1987. (Cadernos da Revista de História Económica e Social ; 9-10).
- GONÇALVES, Fernando - "Urbanística à Duarte Pacheco". In *Arquitectura*. Lisboa. Nº 142 (1979).
- GONÇALVES, Iria - *Imagens do Mundo Medieval - Formas medievais de assistência no meio rural*. Lisboa: Livros Horizonte, 1988.
- GONÇALVES, Iria - "Posturas Municipais e Vida Urbana na Baixa Idade Média: o exemplo de Lisboa". In *Separata das Actas das Jornadas sobre o Município na Península Ibérica (século XII a XIX)*. Santo Tirso: Câmara Municipal de Santo Tirso, 1989.
- GUIMARÃES, Vieira - *Thomar - Monumentos de Portugal*. Porto: Litografia Nacional, 1929.
- Imagens de Tomar*. Secretariado do VII Encontro dos Professores de História da Zona Centro, 1990.
- KOSTOF, Spiro - *The City Assembled*. London: Thames and Hudson, 1991.
- KOSTOF, Spiro - *The City Shaped*. London: Thames and Hudson, 1991.
- KROYANKER, David - *Jerusalem architecture*. Jerusalem: The Jerusalem Institute for Israel Studies, 1994.
- LAMAS, José M. Ressano Garcia - *Morfologia Urbana e Desenho da Cidade*. [Lisboa]: edição conjunta da Fundação Calouste Gulbenkian e JNICT, 1992.
- LAVEDAN, Pierre - *Histoire de l'Urbanisme: Antiquité-Moyen Âge*. Paris: Henri Laurens, Éditeur, 1926.
- LAVEDAN, Pierre - *Histoire de Paris*. Paris: Presses Universitaires de France, 1967.
- LEAL, Pinho - "Thomar". In *Portugal Antigo e Moderno*. Lisboa: Livraria Editora de Mattos Moreira & Companhia, 1888.
- LE CORBUSIER - *Vers une Architecture*. São Paulo: Editora Perspectiva, 1922. 5ª reedição brasileira sob o título *Para uma Arquitectura*.
- LEGUAY, Jean Pierre - *La rue au Moyen Âge*. Paris: Editions Malaine, 1981.
- LÔBO, Margarida Souza - *Planos de Urbanização: A Época de Duarte Pacheco*. Porto: FAUPpublicações, 1995.
- LOPES, Maria da Luz; MANGORRINHA, Angelina - "Alguns contributos para um inventário artístico de Tomar". In *Boletim*

- Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 16 (Março 1992), p. 107-121.
- MACHADO, F. S. Lacerda – *O Castelo dos Templários: origem da cidade de Tomar*. [Tomar]: Comissão de Iniciativa e Turismo, 1936.
- MADURO-DIAS, Francisco dos Reis – *Angra do Heroísmo, Janela do Atlântico entre a Europa e o Novo Mundo*. [Ponta Delgada]: Região Autónoma dos Açores, 1991.
- MANTAS, Vasco Gil – “As primitivas formas de povoamento em Portugal”. In *Povos e Culturas - a cidade em Portugal: onde se vive*. Lisboa: Universidade Católica, Centro de Estudos de Povos e Culturas de Expressão Portuguesa. Nº 2 (1987), p. 13-55.
- MANTAS, Vasco Gil – “Vias romanas na região de Tomar: os miliários”. *Actas do Seminário Espaço Rural na Lusitânia: Tomar e o seu território*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia, 1989.
- MARQUES, A. H. [et al.] – *Atlas das cidades medievais portuguesas*. Lisboa: Centro de Estudos da Universidade Nova de Lisboa, 1990.
- MARQUES, A. H. – *História de Portugal*. 12ª edição. Lisboa: Palas editores, 1985.
- MARQUES, A. H. [et al.] – “Portugal do Renascimento à Crise Dinástica”. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987a.
- MARQUES, A. H. [et al.] – “Portugal em definição de fronteiras: do Condado Portucalense à Crise do século XIV”. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987b.
- MARQUES, A. H. [et al.] – “Portugal na crise dos séculos XIV e XV”. In *Nova História de Portugal*. Lisboa: Editorial Presença, 1987c.
- MARQUES, Oliveira – “Introdução ao estudo da cidade medieval portuguesa”. In *Novos Ensaios de História Medieval Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença, 1988.
- MATTOSO, José – *Ricos-Homens, Infanções e Cavaleiros - a nobreza medieval portuguesa nos séculos XI e XII*. Lisboa: Guimarães & Cª Editores, 1982.
- MATTOSO, José – *Portugal Medieval, novas interpretações*. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1985.
- MELA, Romualdo – “Ruas de Tomar e sua toponímia”. In *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar.

- Nº 1, p. 61-80; nº 2, p. 75-86; nº 3, p. 93-101; nº 4, p. 141-149; nº 5, p. 58-65; nº 6, p. 127-133; nº 8-9, p. 43-48 (1981-1985).
- MONIZ, Gonçalo do Canto - *De Jerusalém a Aveiro*. Coimbra, 1995. Dissertação apresentada na sequência da Prova final da licenciatura em Arquitectura do Departamento em Arquitectura da Universidade de Coimbra, 1995 (texto policopiado).
- MOREIRA, Rafael - *A Arquitectura do Renascimento no Sul de Portugal: a encomenda régia entre o 'Moderno e o Romano'*. Lisboa, 1991. Dissertação de doutoramento em História de Arte apresentada à Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1991 (texto policopiado).
- MORRIS, A. E. J. - *Historia de la forma urbana: desde sus orígenes hasta la Revolución Industrial*. Barcelona: Gustavo Gili, 1991.
- OLIVEIRA, Marta - *O Desenho da Cidade: contribuição para o seu estudo*. Comunicação apresentada ao Colóquio Internacional Universo Urbanístico Português, 1999 (texto policopiado).
- PEREIRA, Paulo - *A Flor Silvestre e a Esfera do Rei: Iconologia da Arquitectura Manuelina na Grande Estremadura*. Coimbra: Instituto de História da Arte da Faculdade de Letras de Coimbra, 1990.
- PERNOUD, Régine - *Os Templários*. Lisboa: Europa-América, 1974.
- PERNOUD, Régine - *Les Templiers*. Paris: Presses Universitaires de France, 1974.
- PICER, Michel - *Os Templários*. Lisboa: Publicações Europa-América, 1985.
- PONTE, Saete da - *Imagens de Tomar: Roteiro Histórico*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1989a.
- PONTE, Saete da - *Sellium: Tomar Romana*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da ESTT, 1989b.
- PONTE, Saete da - "Tomar e o seu território: Problemáticas e perspectivas futuras". In *Actas do Seminário Espaço Rural na Lusitânia: Tomar e o seu território*. Tomar: Centro de Estudos de Arte e Arqueologia da Escola Superior de Tecnologia, 1989c.
- PONTE, Saete da - "Algumas considerações sobre Tomar romana: Sellium - os testemunhos". In *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 4 (20 Outubro 1992), p. 163-177.
- PONTE, Saete da - "A Cidade Romana de Sellium: Marcas e Memórias do Passado Urbano". In *Cidade: Jornadas Inter e Pluri-disciplinares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993a. vol. I, p. 81-94.



- PONTE, Salete da - “Achegas sobre a estrutura urbana de Sellium (Tomar)”. In Separata del Volumen II de las *Actas del XXII Congreso Nacional de Arqueologia*. Vigo: Xunta de Galicia, 1993b.
- PONTE, Salete da - “O Infante D. Henrique em Tomar”. In *Oceanos*. Lisboa: Comissão Nacional para a Comemoração dos Descobrimientos Portugueses. Nº 17 (Março 1994).
- PORTAS, Nuno - “A Formação Urbana de Vila Viçosa: um ensaio de interpretação”. In *Monumentos*. Lisboa: Revista da Direcção-Geral dos Monumentos e Edifícios Nacionais. (1997), p. 59-63.
- PORTAS, Nuno - “Carlos Ramos (1987), Walter Gropius (1883) - in *Memorian*”. *RA - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto. Ano I, nº 0 (Outubro 1987), p. 87-89.
- PORTAS, Nuno - “Interrogações sobre as especificidades das fundações urbanas portuguesas”. In *Estudos de Arte e História - Homenagem a Artur Nobre de Gusmão*. Lisboa: Vega, 1995. p. 430-435.
- RAMOS, Carlos - Plano Geral de Urbanização da Cidade de Tomar. Peças escritas e desenhadas, 1942.
- RIBEIRO, Orlando - “Cidade”. In *Pequeno Dicionário de História de Portugal*. Dir. Joel Serrão. Porto: Livraria Figueirinhas, 1987. p. 156-158.
- RODRIGUES, Jorge - “A arquitectura românica”. In *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. I.
- ROSA, Amorim - “Achegas para Uma História de Tomar: os Lagares e Moinhos da Ribeira da Vila”. Tomar: edição de *O Templário*, [1964].
- ROSA, Amorim - “Uma volta pelo Bairro das Flores”. Tomar: edição de *O Templário*, [1961].
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1940. Vol. I.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1966. Vol. II.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1967. Vol. III.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1969a. Vol. IV.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1969b. Vol. V.

- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1970. Vol. VI.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1971a. Vol. VII.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1972. Vol. VIII.
- ROSA, Amorim - *Anais do Município de Tomar: crónica dos acontecimentos*. Tomar: Câmara Municipal de Tomar, 1974. Vol. IX.
- ROSA, Amorim - *De Tomar*. Tomar: edição comemorativa do Centenário da Morte de Infante D. Henrique e do VIII Centenário da Cidade de Tomar, Comissão Central das Comemorações, 1960.
- ROSA, Amorim - *História de Tomar*. 2 vol. Tomar: Gabinete de Estudos Tomarenses, 1971b.
- ROSA, José Inácio da Costa - "Nascimento e evolução urbana de Tomar até ao Infante D. Henrique". In *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 2 (20 Outubro 1981b), p. 31-51.
- ROSA, José Inácio da Costa - "Os Oito Claustros do Convento". In *Boletim Cultural e Informativo da Câmara Municipal de Tomar*. Tomar. Nº 1 (1 Março 1981c), p. 31-49.
- ROSA, José Inácio da Costa - "Evolução da fisionomia urbana, arquitectónica e construtiva de Tomar". In *Tomar Perspectivas*. Tomar: Festa dos Tabuleiros, 1991. p. 57-135.
- ROSA, José Inácio da Costa - "Tomar: urbanização da Ordem de Cristo". In *Lisboa Iluminista e o seu Tempo. Actas de Colóquio*. Lisboa: Universidade Autónoma de Lisboa, 1994. p. 109-150.
- ROSSA, Walter - "A Cidade Portuguesa". In *História da Arte Portuguesa*. Lisboa: Círculo de Leitores, 1995. Vol. III.
- ROSSA, Walter - "O Urbanismo regulado e as primeiras Cidades Coloniais Portuguesas". In *Universo Urbanístico Português, 1415-1822: Colectânea de estudos*. Lisboa: Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1998. p. 11-38.
- SALGUEIRO, Teresa Barata - *A Cidade em Portugal: uma geografia urbana*. Porto: Edições Afrontamento, 1992.
- SAMPAIO, Alberto - "As Póvoas Marítimas". In *Estudos Históricos e Económicos*. Lisboa: Editorial Vega, 1979.
- SANTOS, Eduardo A. Costa - *História de Tomar*. Tomar: A Gráfica de Tomar, 1975.

- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “O Colégio de Cristo em Coimbra”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1951a. vol. III, p. 183-189.
- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “O Convento de Cristo nos finais do século XIX e princípios do século XX”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1951b. vol. III, p. 217-223, 240-253.
- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “Tomar. Os Estaus”. In Separata dos *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1961. vol. IV.
- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “Os Cubos”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1943a. vol. II, p. 135-147 e 173-178.
- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “Os Lagares e moinhos da Ordem de Cristo”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1943. vol. II, p. 149-155.
- SILVA, Eugénio de Figueiredo e - “Ruínas da Capela de S. Miguel em Tomar”. In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1951c. vol. III, p. 172-175.
- SILVA, J. de Brito e - “O Colégio de Tomar: 1556-1713”. In *Miscelânea de Estudos em Honra de D. Carolina Michaëlis de Vasconcelos*. Coimbra: Imprensa da Universidade, 1930.
- SIMÕES, J. M. Santos - *Tomar e a sua Judiaria*. Edição fac-similada com preâmbulo de Maria José Ferro Tavares. Tomar: Edições do Museu Luso-Hebráico, 1992.
- SOUSA, J. M. - Notícia descritiva e histórica da cidade de Thomar. Reedição 1991. Tomar: Fábricas Mendes Godinho SA, 1903.
- SOUSA, João de Silva - *A Casa Senhorial do Infante D. Henrique*. Lisboa: Livros Horizonte, 1991.
- TAVARES, Maria José Ferro - “Pobres, Minorias e Marginais: localização no espaço urbano”. In *A Cidade: Jornadas Inter e Pluri-disciplinares*. Lisboa: Universidade Aberta, 1993. vol. I, p. 141-153.
- TÁVORA, Fernando (1987). “Evocando Carlos Ramos”. *RA - Revista da Faculdade de Arquitectura da Universidade do Porto*. Porto. Ano I, nº 0 (Outubro 1987), p. 75-76.

- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez - *Tomar: A Arte em Portugal*.  
Porto: Marques Abreu, 1929.
- TEIXEIRA, Francisco Augusto Garcez - "Inundações em Tomar no ano de 1550". In *Anais da União dos Amigos dos Monumentos da Ordem de Cristo*. Tomar: Tipografia Gouveia, 1943. vol. II, p. 173-178.
- TERSEUR, Françoise - *Templários: aspectos secretos da ordem*. 2<sup>a</sup> ed. Lisboa: Nova Acrópole, 1993.
- Tomar*. [Tomar]: Câmara Municipal de Tomar, Gabinete de Educação e Cultura, 1982.
- Tomar na Gesta dos Descobrimentos*. [Lisboa]: Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico, 1993.
- TORRES BALBÁS, Leopoldo - "La Edad Media" In García y Bellido, A. - *Resumen Historico del Urbanismo en España*. 2.<sup>a</sup> ed. Madrid: Instituto de Estudios de Administración Local, 1968 [1954], p. 67-149.
- TOSTÕES, Ana - *Os verdes anos na arquitectura portuguesa dos anos 50*. 2.<sup>a</sup> ed. Porto: FAUPpublicações, 1997.





Estrada de Leiria

Rio Grande de Tejo

Hospital de S. Bartolomeu

Hospital de S. Tiago-o-novo

Hospital de Sta. Liza

Rua dos Oleiros

Hospital de S. João

Capela / S. João da Praça

Hospital de S. Tiago-o-velho

Rua de S. João

Rua de Cima

Adépa dos Vinhos do Mestre (Séc. XIV ?)

Rua Direita

Rua de Gil Vicente

Hospital de Sta. Maria

Rua de Maria

Calça